

DE ONDE ESTOU JÁ FUI EMBORA



DE ONDE ESTOU JÁ FUI EMBORA

ALEXANDRE LANDIM



© Editora Moinhos, 2019.
© Alexandre Landim, 2019.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico: Logolândia

Fotografia da Capa: Nadja Kouchi

Capa: Sérgio Ricardo | Logolândia

Organização: Nathan Matos Magalhães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L257d

Landim, Alexandre

De onde estou já fui embora / Alexandre Landim.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

96 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-98-2

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2019-610

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

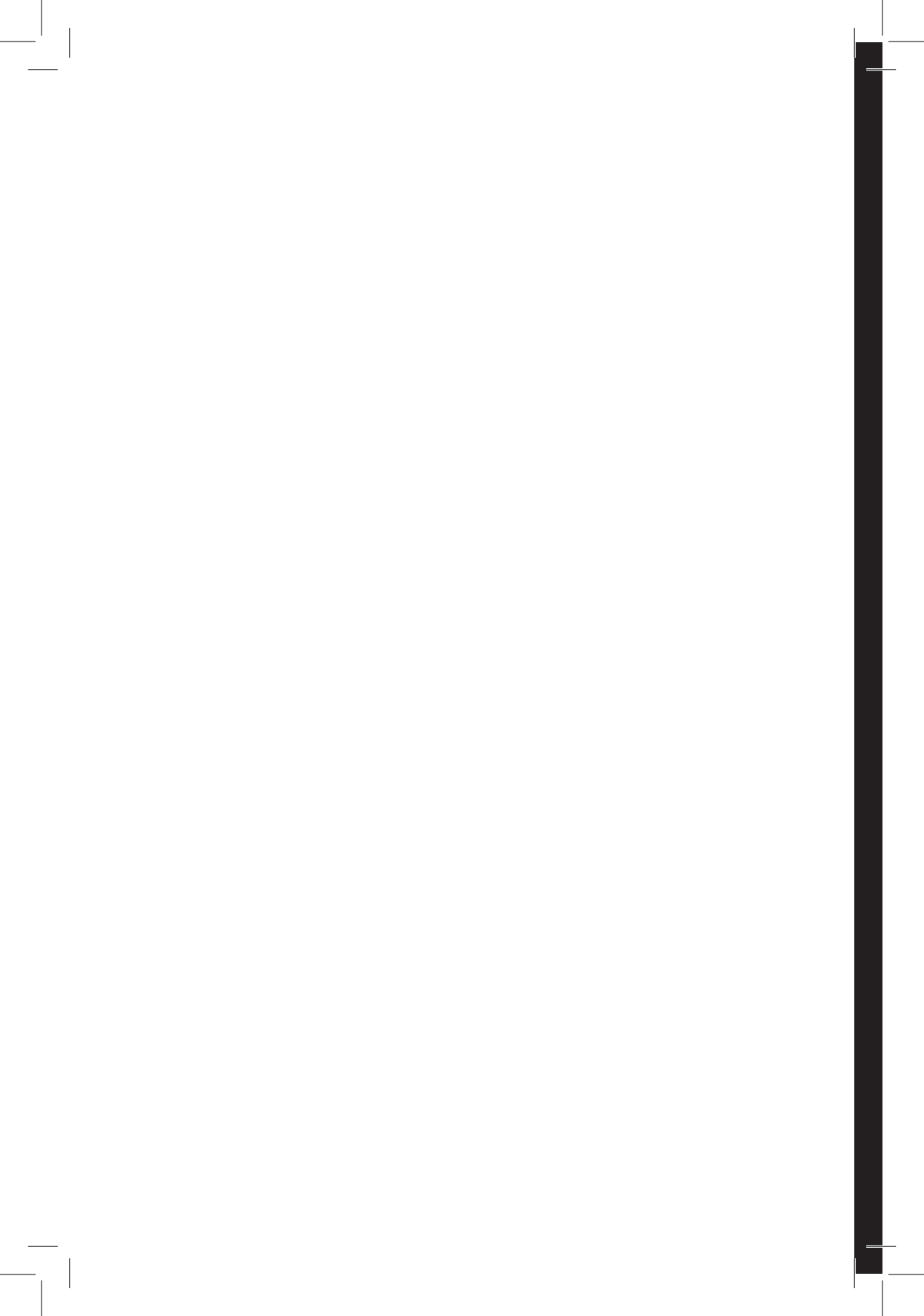
1. Literatura brasileira : Romance 869.89923

2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

*Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.*

Manoel de Barros



UM



Tripulação, pouso autorizado.

Iríamos, enfim, pisar em terra firme. Logo que diminuímos de altitude, a aeronave iniciou manobras para alinhar em direção à cabeceira da pista. Notei Macedo apreensivo; olhava para mim, simulando normalidade, e virava o rosto para o corredor. Uma hora o pamonha fechou os olhos e beijou um crucifixo que levava no pescoço. Eu, ao contrário do que sempre acontecia em viagens aéreas, estava tranquilo e bem acordado.

Sacudia meu caderninho de anotações em busca do celular da Ester quando o sujeito me entregou um cartão de visitas amarrotado, fazendo com que definitivamente eu não encontrasse o número da Ester. Na cartolina havia informações para contato e o texto: Escavadeiras HB&M; “se precisar, estamos aí”, ele me disse em seguida. Na breve conversa que tivemos na segunda perna do voo, Macedo falou que estava indo vistoriar a escavação de lagos para a criação de peixes em grande escala. Não investiguei muito a coisa por desânimo de papo-furado. Poderia ter contado algo sobre o Boris, meu peixe beta, e a sua aversão a rações

de artrópodes; apenas disse que eu era cientista social – informação incompreendida – e, portanto, não entendia nada de pedra, terra, areia ou lama. Ainda inventei que era casado e seria pai dali um mês. Senti culpa pela mentira, mas já era tarde.

Cheguei a São Paulo com dezoito anos, no verão de 2004. Admitido no vestibular, aluguei a primeira vaga encontrada numa república estudantil e me transferi de Bebedouro para a capital paulista. Fui morar num apartamento malcheiroso com outros dois caras: Abu e Jesus. Além deles, havia os hóspedes que apareciam ocasionalmente no Feudo, sem avisar, é claro. Geralmente colegas de curso que furtavam cervejas da geladeira e fumavam na varanda, a despeito das súplicas do Jesus e das queixas do síndico com relação ao cheiro de “grama queimada”, que apesar de não incomodar a totalidade dos vizinhos, era melhor evitar.

O apartamento ficava próximo à faculdade, sendo um local de encontros fácil e previsível. Em algumas épocas, o Feudo mais parecia um albergue para desocupados do que uma república estudantil. O sofá estava sempre repleto de bitucas, embalagens de comida e latinhas de alumínio. A cor natural do piso era o branco-encardido. E de domingo a domingo, a pia conservava-se cheia de pratos e copos em estágio avançado de decomposição. Os únicos seres vivos a se importarem com a situação calamitosa da cozinha eram insetos, das mais diferentes espécies, que habitavam as

redondezas e nos visitavam com bastante frequência. Um amigo, estudante de engenharia ambiental, nos alertou que em pouco tempo a república se tornaria uma grande lixeira, nos obrigando a sair de lá.

Naquele dia, levantei às seis horas e confirmei pela enésima vez o horário do check-in no cartão de embarque. No Feudo, só estávamos eu e o Boris. Aparei água morna no chuveiro e preparei um café meio sem gosto. Arrumei as bagagens e fui ao Posto de Vacinação do Terminal da Barra Funda, na zona oeste. A vacinação contra febre amarela era obrigatória para quem tinha como destino os estados amazônicos. Mas ainda poderia contrair malária, uma vez que não há vacina ou qualquer fármaco que lhe dê imunidade. O procedimento mais eficaz para não pegar a doença é andar com uma raquete elétrica chamuscando todo mosquitinho que voe na sua frente. Para quem não é capaz executar *forehand* ou *smash* enquanto dorme, e não sabia se estaria vivo dali a alguns meses, a possibilidade de convulsionar e delirar nos finais de tarde não parecia o fim do mundo.

Pior seria não ver Ester. Fomos colegas em algumas disciplinas da graduação; cúmplices em trabalhos em duplas e seminários para docentes sem brio. Dona de um corpo naturalmente planejado, odiava as matérias de política clássica. Preferia estudar populações indígenas. Isso que fazia no doutorado em Roraima; pesquisava a interação da comunidade Maturuca,

da etnia Makuxi, com religiosos católicos ligados à Teologia da Libertação. Eles ocupam a Terra Indígena Raposa Terra do Sol, de onde se defendem do avanço de garimpeiros e outros lacaios. Muitos chefes do executivo e pessoas ligadas ao Ministério Público apoiam a invasão da agroindústria sobre as terras indígenas. Ester lidava com um tema delicado. Mas quando bitolava num assunto, se entusiasmava de verdade.

“Ainda aflita com índios pelados, Ester?” eu lhe perguntei em nossa última conversa, quando avisei que iria visitá-la.

Cheguei ao terminal por volta das nove horas. Tive dificuldades até descobrir que a vacinação é oferecida no Ambulatório dos Viajantes. A má sinalização não contribuiu. Uma enfermeira dos olhos de violeta pediu que eu preenchesse um longo questionário com endereço, telefone, CEP, e outras informações das quais eu não me lembrava.

Qual vacina?

Febre Amarela.

Para onde está indo?

Depois volto pra casa.

Digo, qual estado irá visitar?

Ah! Roraima.

Já tomou as outras?

Havia um cartaz fixado na geladeira: Febre amarela, Dupla adulto: difteria e tétano, Tríplice viral, Hepatite B.

Acho que nunca tomei contra Hepatite.

Marque um *xis* no item Hepatite B, por favor.

E caso já tenha tomado?

Não vai morrer por isso.

Ela retirou as seringas da embalagem: “Olha, descartáveis”, apontando a agulha na minha cara. Lembrei da ocasião em que Abu fez uma aposta com o Jesus, depois me contaram a patifaria. “Disse ao Jesus que se ele comesse os *nuggets* esquecidos no forno há semanas, eu pegaria o glicosímetro de minha avó e mediria o nível de açúcar de minhas nádegas, fazendo uma comparação entre as duas”. Jesus pôs ketchup e mandou o salgado pra dentro. “O louco comeu aquele troço e falou ‘agora é você’”. Abu não teve opção, furtou o aparelho de sua avó e picou a retaguarda inúmeras vezes, até conseguir sangue para colocar nas tiras.

Descobri que a diferença no nível de glicose entre as minhas nádegas é de mais ou menos 40 miligramas por decilitro. Uma possui 90 e a outra 130, isto é, tenho uma nádega diabética e a outra não. Resolvi marcar um exame de sangue no laboratório para não ter dúvida.

E depois? Perguntei morrendo de rir.

O mais difícil foi explicar para dona Carminha como as suas papeletas de medição sumiram do kit diabetes. O tonto do Jesus está torcendo para que eu seja diabético. Assim, o desarranjo na madrugada terá sido útil para identificar uma doença minha.

A enfermeira deu três batidinhas na seringa e afundou a agulha no meu braço direito; olhei para o lado esquerdo, onde havia o Zé Gotinha sorrindo num cartaz de vacinação infantil.

Os avisos luminosos de apertar cintos foram acesos. Ficou tudo escuro no avião.

As comissárias se apressaram e foram se amarrar em seus bancos retráteis. Afivelei o cinto e abri a persiana.

Antes de ir a Boa Vista, agendei uma consulta com o Dr. Oliver, médico britânico de rosto largo e óculos descontraídos. Nada justificava outra visita em tão pouco tempo. Ele questionou se eu notara alguma alteração em minha saúde. Respondi que não, apesar da fraqueza nos membros e de outros efeitos colaterais das medicações, que poderiam envolver incontinência urinária, confusão mental, e arritmia cardíaca. Estava mesmo preocupado com os meses seguintes; como seria a vida após o diagnóstico, se resistiria e tudo mais. Sem traquejo, mas com a devida paciência, Oliver precisou de meia hora para dizer que os sintomas viriam ocasionalmente; ficar em casa não retardaria a evolução natural da doença, tampouco estenderia a minha sobrevivência. Sua voz era rouca e trazia um sotaque carregado: “o único tratamento possível é a partir dos fármacos, viva normalmente, rapaz”. Era a terceira vez que nos encontrávamos desde a primeira consulta, há cerca de um mês. Ele sempre falava a mesma coisa: “a descoberta súbita de um mal congê-

nito provoca no paciente o sentimento de medo, claro, mas a pior atitude que você pode ter agora é perder energia pensando nisso. Melhor aguardarmos os próximos meses, por ora descartaremos a cirurgia”. Oliver me recomendou psicoterapia. Afirmei que pensaria no assunto; agradei o conselho e fui embora.

Senti que o futuro dali em diante não passaria de uma imensa nódoa acinzentada. Nenhuma crise histerica ou ataque de desespero me ocorreu desde a hipótese inicial, quando eu soube que as dores na canela e a febre repentina poderiam ser mais graves que luxação óssea ou virose. Mantive a calma e procurei raciocinar de modo objetivo. Eu não tinha a menor noção do que estava acontecendo com o meu corpo, muito menos seria capaz de imaginar o que aconteceria no futuro. Reprimi o desespero até o fim.

Saindo do Ambulatório dos Viajantes, lembrei que precisava ir à sede do banco onde trabalhei por dois anos para acertar as últimas burocracias referentes ao Seguro Desemprego e Fundo de Garantia. Estava liso, após raspar a conta na compra de uma mala e um par de tênis que não arrancasse a sola na primeira pisada. Com um algodão fixado no braço por dois esparadrapos na horizontal, lembrando pinturas corporais aborígenes, embarquei no metrô rumo à estação da Sé. Desci e fiz baldeação para a linha azul, até o Paraíso, tomando cuidado para não levar esbarrões no ombro,

que ainda doía um bocado. O tempo começava a esquentar. Saltei na Consolação e comprei uma água na máquina de comidas, ao lado da máquina de livros, com histórias dignas do preço: um real e 99 centavos. Caminharia dois quarteirões da Avenida Paulista à Alameda Jaú. Na altura do Conjunto Nacional, minha perna direita travou. O músculo não obedecia aos comandos do cérebro. Eu dizia, vai, siga em frente, droga, mas ele teimava em não avançar, como uma criança emburrada. Encostei-me à vitrine de uma loja de celulares e busquei descansar. Um mendigo me abordou e pediu a água, que estava pela metade. Entreguei a maldita garrafinha e arrisquei continuar. Andava com dificuldades, parando a cada 20 metros para alongar a coxa.

A sede do banco ficava num prédio arrogante de quinze andares. A porta de vidro espelhado nos dava a impressão de, ao nos aproximarmos, sermos atores de filmes sobre fortunas em disputa no capitalismo financeiro, candidatos de *reality show* de recrutamento, ou qualquer outra emissão deprimente da televisão aberta. Além da central de *Home Banking*, havia outros departamentos no edifício e inúmeras subdivisões especializadas em surrupiar os clientes com taxas invisíveis a olho nu.

Aproveitei para me despedir de alguns colegas: duas estagiárias que beijei na última festa de fim de ano; o supervisor pedante, fã de blues; e a gerente que

namoriscava os garotos do *T.I.* Outros colegas estavam no horário de almoço. Avisei que mandaria um e-mail coletivo. Nunca o fiz. Acertei as burocracias depressa, assinei tudo sem ler nada e dei o fora. Não queria demorar naquele lugar.

Percorri o saguão desejando boa tarde aos seguranças com a estranha sensação de que jamais tornaria a vê-los. Considerei uma boa ideia almoçar no “china” da rua de trás. Lá, o sabor da comida e a limpeza do ambiente eram medidas inversamente proporcionais. Serviam *yakisoba* de carne e frango e rolinho primavera de goiabada. As mensagens dos biscoitos da sorte falavam sempre de um futuro sublime e ingênuo. Inventadas pelo próprio dono, Li Kai, geralmente continham erros de gramática. O tom universal das frases admitia qualquer situação. Nas últimas vezes, eu sequer abria o papelzinho para não me aborrecer com os chavões.

Foi possível ouvir o som do trem de pouso se abrindo, acompanhado de um ligeiro solavanco no piso.